

# A “feiticeira Metapsicologia”

Maria Helena Fernandes

Discutindo as críticas norte-americanas que desde a década de oitenta se dirigiam à metapsicologia, Pierre Fédida salienta a importância que Freud atribui à imaginação especulativa na criação de sua teoria.

## Souvenirs

**E** escrever para um número da *Percurso* dedicado a homenagear Pierre Fédida implica, antes de mais nada, em me deixar embalar pela possibilidade de navegar no tempo. A vida é feita de travessias; os que vão e voltam, sabem bem disso. Ao atravessar de volta o *grande mar* deixamos para trás tanta gente, tantos lugares, tantas cenas cotidianas, tantos cheiros, tantos sabores... Deixamos para trás um pedaço da nossa própria história. Uma história como tantas, dentro do tempo, inscrita na memória. Alguns anos depois, com este texto justamente, a ocasião de tirar da memória fragmentos de lembranças. A ocasião de partilhar idéias e histórias, transformando cada leitor em porta-voz da minha gratidão e cúmplice das minhas lembranças.

3 de novembro de 1992. Primeiro dia de aula, Fédida entra apressado, carregando sua inseparável maleta. Coloca-a sobre a mesa e lentamente vai retirando seus papéis. Imediatamente a sala ecoa um silêncio absoluto, a voz de Fédida irrompe, grave e firme. Seu semblante contraído anuncia sucintamente as boas-vindas aos novos alunos e a aula começa... Impactada pela severidade daquela primeira imagem, não sei quanto tempo durou aquela aula! Ao final, os alunos se aglomeraram em torno de Fédida, à espera de uma ocasião para falar com

**Maria Helena Fernandes** é psicanalista, doutora em Psicanálise e Psicopatologia pela Universidade de Paris VII, pós-doutora pelo Departamento de Psiquiatria da Unifesp; professora do Curso de Psicossomática do Instituto Sedes Sapientiae, autora de *L'hypocondrie du rêve et le silence des organes: une clinique psychanalytique du somatique*, Presses Universitaires du Septentrion, 1999. Parte das idéias aqui apresentadas encontra-se recentemente publicada no livro *Corpo* (Coleção Clínica Psicanalítica), Casa do Psicólogo, 2003.

Fédida não via interesse algum no diálogo da psicanálise com os outros campos do conhecimento, se ela não pudesse se ater e permanecer rigorosamente ancorada na sua especificidade metodológica.

ele. Fiz o mesmo, e aguardei a minha vez. Com ar cansado, ele ia atendendo a cada um, muitas vezes parecia esquivar-se e podia ser rude sem a menor cerimônia. No entanto, sabia respeitar aqueles que se encantavam com a possibilidade de pensar.

Duro com seus adversários, Fédida era implacável nas suas críticas a uma teorização psicanalítica desvinculada da clínica. Da mesma forma que não via interesse algum no diálogo da psicanálise com os outros campos do conhecimento se esta não pudesse se ater e permanecer rigorosamente ancorada na sua especificidade metodológica. Solidário com seus orientandos, Fédida apostava na possibilidade criativa de seus alunos, dando liberdade, solicitando criatividade, mas exigindo rigor. Recusava qualquer forma de tutela do pensamento.

As idéias que se seguem começaram a se desenvolver naqueles anos, são fragmentos, recortes que

se re-organizam hoje de outra forma, recortes da lente do tempo que tudo transforma.

Ao mestre e inspirador de *além-mar*, minha gratidão. Pela acolhida, pelo respeito e sobretudo pelas belas lições de psicanálise!

### Freud, ainda...

Já na primeira aula, Fédida explicita sua intenção de abordar durante o ano o projeto de construção da metapsicologia, salientando a importância que Freud vai atribuir à imaginação especulativa no processo de criação de sua teoria. Seu objetivo é claramente o de chamar a atenção dos jovens analistas para a operacionalidade clínica da metapsicologia de Freud. Porém, essa imaginação especulativa solicita inevitavelmente uma série de analogias com diversos campos do conhecimento, o que não se fará sem

suscitar problemas, conforme atesta o debate sobre a pertinência da metapsicologia na atualidade.

De fato, a partir dos anos 80, tem início nos Estados Unidos, um movimento crítico em relação à psicanálise que toma como alvo a metapsicologia freudiana. Uma das críticas diz respeito à utilização feita por Freud de modelos importados de outros campos do conhecimento. Tais modelos passaram a serem criticados com base no argumento de que as noções que eles abordam tinham sido abandonadas pela biologia, pela fisiologia, ou mesmo pela física. Particularmente no que diz respeito aos modelos biológicos freudianos, tais críticas tocam diretamente no estatuto metafórico desses modelos.

Se as noções utilizadas de forma metafórica na teorização psicanalítica não são mais válidas na biologia, então, é preciso, insistem alguns, buscar outras noções biológicas mais modernas. Ou seja, faz-se necessário adequar a metapsicologia aos avanços da biologia, mudar as fontes metafóricas para adequá-las aos avanços da ciência biológica<sup>1</sup>. Ora, se é preciso mudar a fonte da metáfora, é evidente que ela já deixou de ser compreendida como metáfora. O caráter metafórico da construção metapsicológica se vê assim descaracterizado<sup>2</sup>.

Negligencia-se com isso as passagens nas quais Freud insiste sobre a especificidade metodológica da psicanálise, adverte-nos sobre os riscos inerentes aos avanços da ciência, insistindo justamente na necessidade de autonomia da psicanálise frente aos outros campos do conhecimento, condição de possibilidade para que ela continue a ser um instrumento de questionamento e interlocução, em um mundo em que a técnica corre o risco de tornar-se o perigo maior para o humano.

Se Freud nunca destruiu as pontes que o ligavam à biologia, cabe salientar que, seguindo a metapsicologia até seus últimos escritos, constata-se

que o que ele guardou da biologia não foram os mecanismos experimentais *mensuráveis*, e sim as leis e esquemas gerais do funcionamento do sistema nervoso, que lhe serviram precisamente de *modelo* para a criação metapsicológica<sup>3</sup>.

A propósito do interesse da psicanálise para a biologia, em 1913, Freud se exprime da seguinte forma: "Apesar de todo nosso esforço para não deixar os termos e os pontos de vista biológicos chegarem a

conceito de *pulsão* na mediação entre biologia e psicologia, Freud enfatiza aqui seu esforço epistemológico, isto é, sua preocupação em "não deixar os termos e os pontos de vista biológicos" dominarem a pesquisa psicanalítica, reconhecendo, no entanto, não ter podido evitar o emprego desses termos "para a *descrição* dos fenômenos estudados". Trata-se, nessa ocasião, de um trabalho de nomeação e fundação dos

lavras necessárias para a continuação do trabalho de nomeação de suas descobertas.

Por meio da correspondência trocada por Freud com Abraham e Lou Andréas-Salomé, traçarei um percurso que nos permitirá acompanhar os meandros da criação do projeto metapsicológico freudiano. Um projeto que continuou se transformando até o final de sua obra, para acolher os impasses que a clínica e os percalços da própria vida lhe colocavam. Esta trajetória, ao destacar o processo de construção da metapsicologia, espera enfatizar os elementos do discurso freudiano suscetíveis de salientar a especificidade clínica e metodológica da psicanálise. Salientar tal especificidade era a preocupação de Fédida, ao buscar fornecer uma resposta às críticas norte-americanas a partir do texto freudiano. Assim, apresento, a seguir, uma construção pessoal da argumentação de Fédida durante aquele ano de 1992, a qual coloca em evidência a relação essencialmente metafórica dos conceitos metapsicológicos com seus objetos.

Nossa trajetória, ao destacar o processo de construção da metapsicologia, espera enfatizar os elementos do discurso freudiano suscetíveis de salientar a especificidade clínica e metodológica da psicanálise.

### Seguindo os passos de Freud

No dia 21 de dezembro de 1914, Freud escreveu a Abraham: "A única coisa que está avançando de forma satisfatória é o meu trabalho, que, de fato, me conduz, de interrupção em interrupção, a novidades e esclarecimentos bastante notáveis. Nos últimos tempos, consegui caracterizar os dois sistemas da consciência (Cs) e do inconsciente (Ics) de uma forma que os torna quase tangíveis, e, com essa ajuda, podemos resolver de forma bastante simples, me parece, o problema da relação entre demência precoce e realidade. Todos os investimentos de coisas constituem o sistema Ics, e o sistema Cs corresponde ao estabelecimento de relações entre essas representações inconscientes e as representações de palavras,

dominar o trabalho psicanalítico, não podemos deixar de utilizá-los para a descrição dos fenômenos estudados por nós. Não podemos deixar de considerar a pulsão como conceito limite entre a concepção psicológica e a concepção biológica.(...) Eu me consideraria satisfeito se essas poucas observações chamassem a atenção para a importante mediação edificada pela psicanálise entre a biologia e a psicologia"<sup>4</sup>. Além de chamar a atenção para a operacionalidade do

alicerces metodológicos e conceituais daquilo que estava sendo criado.

Devemos nos lembrar que, sendo médico, Freud privilegia sua própria língua para nomear suas descobertas, para fazer um trabalho de nomeação daquilo que não podia ser nomeado senão a partir de uma linguagem já adquirida. Entretanto, as metáforas que ele utiliza não se limitam às relações analógicas com a biologia; ele vai também buscar na física de sua época as pa-

que tornam possível o acesso à consciência. Nas neuroses de transferência, o recalçamento consiste na retirada da libido do sistema Cs, ou seja, na separação entre as representações de coisas e as representações de palavras; nas neuroses narcísicas, o recalçamento é a retirada da libido das representações de coisas inconscientes, o que, com certeza, é um problema bem mais profundo. É por isso que a demência precoce começa transformando a linguagem e, de uma forma geral, trata as representações de palavras da mesma forma que a histeria trata as representações de coisas, ou seja, fazendo-as sofrer um processo primário de condensação, deslocamento, descarga etc. Pode acontecer que eu finalize uma teoria da neurose com capítulos sobre os destinos das pulsões, o recalçamento e o inconsciente, se meu ardor pelo trabalho não sucumbir às minhas contrariedades”<sup>5</sup>.

Observa-se aqui um exemplo notável dessa capacidade analógica de Freud, a saber, a maneira como ele contrapõe uma patologia a outra a fim de fazê-las se esclarecerem mutuamente. Nota-se, já nessa época, a preocupação de Freud em distinguir metapsicologicamente a neurose da psicose. Isto é, em diferenciar a neurose da psicose com base na utilização de noções conceituais criadas pela própria psicanálise. Mas vemos também aqui a importância que ele dá à definição do inconsciente e do consciente enquanto *sistemas*.

Se o inconsciente freudiano é aquilo que não faz parte da consciência, devido a uma força ativa que o impede de chegar até ela, o recalçamento é essa força ativa que impede o acesso à consciência e que se encontra na base das relações entre o consciente e o inconsciente. Depois de tê-lo apresentado como o mecanismo central na constituição da histeria, ele verá no recalçamento, devido ao seu papel de suma importância em outros esta-

dos patológicos (na fobia, na neurose obsessiva etc.), como também na vida psíquica normal, o processo psíquico que estaria na origem da constituição do inconsciente<sup>6</sup>.

Embora já anunciados na carta anterior endereçada a Abraham, foi em março de 1915 que Freud começou a escrever seus artigos *Pulsões e destinos das pulsões*, *O recalçamento* e *O inconsciente*, que ele apresenta a Lou Andreas-Salomé em uma carta do dia primeiro de abril do mesmo ano: “Você sabe que eu me preocupo com o fato isolado, esperando que o universal manifeste-se por si mesmo. É por isso que acho os pontos de vista do narcisismo muito úteis para a análise da melancolia e de outros estados muito obscuros até o presente momento. Os próximos números da revista aparecerão com três títulos: *Pulsões e destino das pulsões*, *O recalçamento* e *O inconsciente*, uma espécie de síntese psicológica de diversas opiniões recentes, incompletas como tudo que faço, mas que não deixam de trazer algum conteúdo novo. O artigo sobre o inconsciente, particularmente, deve expor uma nova definição deste, a qual, com efeito, equivale a uma ‘agnostização’ (*Agnosierung*). É sobre esse assunto que eu lhe pedirei por favor para que, em seis meses, me faça conhecer sua opinião. Esperemos que isso ocorra em tempos de paz!”<sup>7</sup>.

Nessa carta nota-se a importância que Freud atribui à definição do inconsciente e também ao conceito de narcisismo, sendo este último apresentado como um operador fecundo na compreensão da melancolia e outras formas clínicas ainda obscuras na ocasião. Porém, um outro aspecto desta carta merece ser assinalado. Trata-se da afirmação de Freud de que ele se “preocupa com o fato isolado” e espera “que o universal se manifeste por si mesmo”. Nesse sentido, parece que Freud não se preocupa em criar teorias gerais, mas, antes, em apresentar

Freud não se preocupa em criar teorias gerais, mas antes em apresentar pontos de vista suscetíveis de trazer um pouco mais de luz ao estado obscuro de certas patologias.

certos pontos de vista suscetíveis de trazer um pouco mais de luz ao estado obscuro de certas patologias. É importante assinalar também que, segundo seus próprios termos, os artigos *Pulsões e destinos das pulsões*, *O recalçamento* e *O inconsciente* representam uma espécie de síntese psicológica incompleta de diversas opiniões recentes, “mas que não deixam de trazer algum conteúdo novo”. A despeito da importância que dá a esses três textos, vemos que Freud, salientando que produz trabalhos inacabados, não deixa, entretanto, de assinalar a cada vez a emergência do novo.

Em uma carta que escreveu a K. Abraham de 4 de maio de 1915, Freud nos informa que acabou a redação desses três textos ao mesmo tempo que a de *Complemento metapsicológico à teoria do sonho e Luto e melancolia*. Apesar disso, os três primeiros serão publicados no mesmo ano, na revista internacional de

As cartas, além  
de nos colocarem em  
contato com as preocupações  
cotidianas de Freud nos anos  
1914–1916, também  
informam sobre a insistência  
dele no caráter inacabado  
de seus escritos.

psicanálise (*Internationale Zeitschrift für ärztliche Psychoanalyse*), e os dois últimos apenas em 1917<sup>8</sup>.

Os tradutores das *Obras completas* de Freud para o francês acrescentam: “Entre maio e julho de 1915, Freud trabalha em sete outros artigos sobre a consciência, a angústia, a histeria de conversão, a neurose obsessiva, as neuroses de transferência em geral e, talvez, a sublimação e a projeção. Esses artigos ficaram prontos em Karlsbad, no dia primeiro de agosto, ao menos sob a forma de planos ou esboços; os doze ensaios deveriam ser reunidos num livro que seria ‘do tipo e do nível do capítulo VII de *A interpretação dos sonhos*’”<sup>9</sup>.

De fato, em uma nota no início de *Complemento metapsicológico à teoria do sonho*, Freud escreve: “Este ensaio e o próximo (*Luto e melancolia*) foram tirados de uma compilação que, na origem, eu queria publicar em livro sob o título “Para preparar uma metapsicologia”. Eles

estão ligados a trabalhos que foram impressos no terceiro ano da *Internationale Zeitschrift für ärztliche Psychoanalyse* (*Pulsões e destinos das pulsões, O recalçamento e O inconsciente* aparecem nesse volume). O objetivo dessa série é o esclarecimento e o aprofundamento das hipóteses teóricas que poderíamos colocar na base de um sistema psicanalítico”<sup>10</sup>.

A metapsicologia é assim identificada com hipóteses teóricas de base, sobre as quais um sistema psicanalítico poderia ser fundado, e a palavra *sistema* evoca aqui a idéia de um corpo, de um todo, que, entretanto, permanece inacabado. Além disso, o título original, “Para preparar uma metapsicologia”, dá a entender que a metapsicologia não estava pronta, como se ela devesse estar em constante desenvolvimento, condição essencial para que possa receber a cada vez a emergência do *novo*.

Em 9 de novembro de 1915, Freud escreveu a Lou Andreas-Salomé: “você tem uma maneira especial de sugerir as lacunas onde estas se fazem sentir e os pontos que precisam ser ainda desenvolvidos; mas você sabe que eu me contento sempre com o que é fragmentário e interrompido. O seu trabalho ‘*Anal und Sexual*’ está sendo esperado com impaciência; não sei se será para a *Zeitschrift* ou para a *Imago*. As duas revistas devem a prorrogação de sua existência graças ao favor de um honrado editor, aliás um pouco caprichoso. Estou fazendo o necessário para mantê-lo, concedendo-lhe a publicação de minha conferência elementar, que retomarei este ano. (...) A nova compilação, à qual pertence o texto *O inconsciente* que será publicado agora na *Zeitschrift*, não será, como você supôs corretamente, continuada. Mas não sei se, como resultado disso, o livro verá mais cedo o dia de sua publicação. Quero que ele seja precedido pelas *conferências*, deixando-me assim tempo para uma redação definitiva de alguns dos estudos”<sup>11</sup>.

Sabe-se que as conferências a que Freud se refere são as *Conferências introdutórias sobre psicanálise*, publicadas em 1916. Essas cartas, além de nos colocarem em contato com as preocupações cotidianas de Freud naquela época, também informam sobre a sua insistência no caráter inacabado de seus escritos. Anos depois, já em 1923, nota-se que ele continua a exprimir-se assim: “A psicanálise não é um sistema como os da filosofia, que partem de alguns conceitos fundamentais rigorosamente definidos, com os quais, depois, procuram dar conta do universo, e que, uma vez acabados, não dispõem mais de espaço para novas descobertas e melhores formas de ver. A psicanálise se restringe, antes, aos fatos de sua área de trabalho; ela procura resolver os problemas imediatos da observação, desenvol-

ve-se tateando e seguindo a experiência e está sempre inacabada, sempre pronta a reestruturar ou modificar suas doutrinas. Ela admite, tanto quanto a Física ou a Química, que seus conceitos supremos não tenham suficiente clareza, que suas pressuposições sejam provisórias, esperando de seu futuro trabalho uma determinação mais rigorosa destes<sup>12</sup>.

Com efeito, a estruturação da metapsicologia se manteve ao longo de toda a obra de Freud como um projeto em construção. Seu caráter inacabado, insiste Fédida, pode ser compreendido como a recusa de Freud em adotar teorias que funcionariam como doutrinas. Percebemos igualmente sua preocupação em não cristalizar uma teoria geral, devido, sem dúvida, aos perigos de uma generalização conceitual. Fédida insiste ainda que Ferenczi também expressou esse tipo de preocupação quanto à construção da argumenta-

ção psicanalítica, particularmente em relação a utilização de analogias tiradas de outras disciplinas, como a Biologia, a Fisiologia e a Física.

Continuando a seguir Freud pelos caminhos da criação de sua metapsicologia, tem-se uma outra carta que ele enviou a Lou Andreas-Salomé, cerca de seis meses depois da precedente (em 15 de maio de 1916): “Meu livro, que conterà doze destes estudos, não poderá ser imprimido antes do fim da guerra. Ou quem sabe quanto tempo depois desta data ardentemente esperada!”<sup>13</sup>. A mesma inquietude se encontra ainda na carta a Abraham, em 11 de novembro de 1917: “Tenho muito o que fazer: oito a nove sessões por dia e mais algumas de reserva; estou contente de fugir dessa forma das rumações e preocupações. É sempre muito interessante. Mas envelhecemos rapidamente com tudo isso, e, de quando em quando, começamos a

nos perguntar se veremos o fim da guerra, se eu o verei novamente etc. Enquanto durar a guerra, qualquer viagem para a Alemanha está praticamente suspensa. O próximo golpe para o qual me preparo é a suspensão de nossas revistas, do que Heller, é verdade, não nos ameaça, mas o que se tornará sem dúvida inevitável caso a guerra se prolongue. De qualquer forma, eu me comporto como se o fim desses acontecimentos fosse iminente, e até, nestes últimos dias, fiz a última revisão de duas obras da série “metapsicológica” (*Complemento metapsicológico à teoria do sonho, Luto e melancolia*), para poder publicá-las na *Zeitschrift*. No início, eu queria unir esses ensaios, como também outros, aos que já foram impressos (*Pulsões e destinos das pulsões, O recalçamento e O inconsciente*), para fazer um livro. Mas não é o momento certo. Seria bom também se os comentários das *Conferências* que você me anunciou pudessem ficar prontos antes do fim iminente do mundo. Quando as revistas forem suspensas, será, para começar, o fim de nossa função<sup>14</sup>. Vê-se aqui claramente o esforço de Freud para continuar produzindo seus escritos mesmo sob os efeitos das desilusões e preocupações provocadas pela guerra.

Sob o título *Metapsicologia*, a despeito das intenções de Freud, apenas os cinco primeiros ensaios (*Pulsões e destinos das pulsões, O recalçamento, O inconsciente, Complemento metapsicológico à teoria do sonho e Luto e melancolia*) foram reunidos em 1924<sup>15</sup>, aos quais foi adicionado o artigo escrito em 1912, *Nota sobre o inconsciente em psicanálise*. No que se refere aos manuscritos dos sete outros ensaios, a hipótese de que o próprio Freud os teria destruído prevaleceu por muito tempo, até que foi descoberto, em 1983, o rascunho do décimo segundo ensaio, *Visão de conjunto das neuroses de transferência*.

Percebemos igualmente a preocupação de Freud em não cristalizar uma teoria geral, devido, sem dúvida, aos perigos de uma generalização conceitual.

Ferenczi também expressou esse tipo de preocupação quanto à construção da argumentação psicanalítica.

Ernest Jones, um dos biógrafos de Freud, supõe que esses ensaios “representassem o fim de uma época, um resumo final da obra de sua vida. Redigidos em um momento em que nenhum sinal da terceira grande fase de sua existência, que deveria se iniciar em 1919, havia sido revelado, eles deveriam provavelmente ser deixados de lado até o fim da guerra, mas outras idéias revolucionárias germinaram a seguir em seu espírito, idéias novas que o teriam levado a reestruturar completamente as mais antigas. Ele decidiu, então, simplesmente destruí-los”<sup>16</sup>. Assim, segundo E. Jones, a terceira grande fase da existência de Freud, que se iniciou em 1919, anuncia-se plena de novas idéias revolucionárias para a psicanálise.

Torna-se necessário, então, continuar a acompanhar Freud no processo de construção da metapsicologia, visando colocar em evidência as transformações que foram se processando em seu pensamento. Transformações teóricas radicais que nos colocam em contato com o espírito inquieto do pesquisador Freud, jamais se recusando a transformar suas hipóteses sempre que os impasses da clínica assim exigiam. Esse percurso nos permitirá salientar a especificidade clínica e metodológica da construção freudiana.

### Além do prazer... a morte

No que diz respeito ao projeto metapsicológico freudiano, Jones refere-se à grande virada dos anos 20, que desemboca na reestruturação da teoria das pulsões e na criação da segunda tópica. Sabemos que *Além do princípio do prazer* foi publicado por volta de setembro de 1920, mas que Freud começou a escrevê-lo em março de 1919. Esse texto, de importância capital, traz a nova idéia de que no psíquico, para além do prazer, há agora a morte e uma implacável compulsão a repetir.

Além da introdução da pulsão de morte, que transformará a primeira teoria das pulsões (pulsões sexuais/pulsões do ego) fazendo intervir um segundo dualismo pulsional (pulsão de vida/pulsão de morte), Freud insiste na exigência de retorno do psíquico ao trauma, na compulsão à repetição. A partir de então, mudanças de direção, tanto em suas hipóteses teóricas quanto nos desdobramentos clínicos destas,

Freud nota  
que nem  
toda  
ausência de  
tensão é  
prazerosa e  
que, ao  
contrário, a  
tensão  
sexual é ela  
mesma  
prazerosa.

serão sentidas cada vez mais intensamente em seus escritos.

Não resta dúvida que a exigência de modificação teórica que se apresenta em *Além do princípio do prazer* é, em grande parte, resultado dos impasses que a clínica colocava cotidianamente ao terapeuta Freud. Tais impasses se expressavam através de fatos clínicos que colocavam em cheque o funcionamento mesmo do princípio do pra-

zer. Ora, se até essa época esse princípio encontrava-se na base do funcionamento psíquico, há que se considerar que as modificações teóricas inauguradas pela introdução da pulsão de morte, que colocam em cena um outro princípio operante no funcionamento psíquico, o princípio de Nirvana, abrem o caminho para abordar os enigmas teórico-clínicos colocados em evidência pela lógica da destrutividade. Uma destrutividade que agora pode vir de dentro, do interior do próprio sujeito.

Subvertendo a pura lógica do prazer, Freud começa a dar ouvidos e a tentar explicar os impasses clínicos que se apresentam a partir do fato de que a dor e o desprazer podem ser vividos como um prazer. Quatro anos mais tarde, com o texto *O problema econômico do masoquismo*, que apresenta, entre outras, a novidade teórica da noção de masoquismo erógeno, Freud vai se deter neste fato. Ele insiste que a abordagem do masoquismo exige que ele examine a relação do princípio do prazer com a pulsão de morte e a pulsão de vida. Tal princípio aparece inicialmente identificado com o princípio de Nirvana. Todo desprazer coincidindo com elevação de tensão e todo prazer coincidindo com redução de tensão, o que paradoxalmente colocaria o princípio do prazer a serviço da pulsão de morte.

Problematizando a própria definição de princípio do prazer em sua assimilação ao princípio de nirvana, Freud nota que nem toda ausência de tensão é prazerosa e que, ao contrário, a tensão sexual é ela mesma prazerosa. Isso permite admitir que um aumento na quantidade de excitação nem sempre é desprazeroso, o que obriga Freud a concluir que um fator qualitativo, além do fator meramente quantitativo, também entra em linha de conta na definição mesmo do princípio do prazer.

Em 1924, ele escreve: “Em todo caso, precisamos nos dar conta que o princípio de nirvana, derivado da pulsão de morte, conheceu no ser

Jean Laplanche  
considera  
que os anos  
1914–1915  
já preparavam  
a virada  
de 1920.

vivo uma modificação através da qual ele se torna princípio de prazer, e nós devemos evitar manter os dois princípios como se fossem um só<sup>17</sup>. Procurando distinguir um princípio do outro Freud se pergunta de que força procede essa modificação que transforma o princípio de nirvana em princípio de prazer. E afirma: “Só pode ser a pulsão de vida, a libido, que, de certa forma, adquiriu à força sua parte na regulação dos processos de vida ao lado da pulsão de morte<sup>18</sup>. O princípio do prazer é então fruto da modificação que a libido introduz na lei de funcionamento da pulsão de morte. É justamente aqui que se opera o que se designa como fusão pulsional, ou seja, a ligação da pulsão de morte pela libido.

Continuando, ele escreve: “Nós obtemos assim uma pequena, mas interessante, série relacional: o princípio de Nirvana exprime a tendência da pulsão de morte, o princípio

do prazer representa a reivindicação da libido, e a modificação deste, o princípio de realidade, a influência do mundo exterior<sup>19</sup>. É importante notar que ao descrever dessa forma os três princípios e suas leis de funcionamento, Freud insiste em que nenhum desses princípios é verdadeiramente invalidado por outro, nenhum deles é suscetível de ser colocado fora de combate pela ação de outro. O que parece interessar a Freud é justamente a relação entre esses princípios em ação no funcionamento do aparelho psíquico, assim ele escreve: “Em regra geral, eles sabem se entender uns com os outros, mesmo se isso leva forçosamente a conflitos, o objetivo visado sendo, de um lado a diminuição quantitativa da carga de estímulo, de outro um caráter qualitativo desta, e enfim um adiamento temporal da descarga do estímulo e uma tolerância temporária da tensão do desprazer<sup>20</sup>. Observa-se então a amplitude do trabalho exigido ao aparelho psíquico, lidar com os aspectos qualitativos e quantitativos da carga de estímulos que o mundo oferece, sendo capaz de adiar a busca da satisfação, o que supõe ser capaz ainda de tolerar uma certa dose de desprazer.

Assim, se a pulsão de morte constitui a principal novidade da segunda teoria das pulsões, a segunda tópica, além de apresentar uma nova topografia do aparelho psíquico (id, ego e superego), assinala também a importância concedida ao ego. A partir de 1900, Freud havia começado a conceber o ego como objeto de amor, concepção que vai se confirmar em 1914, em *Para introduzir o narcisismo*: o ego se desenvolve como imagem unificada do corpo, tornando-se assim objeto da libido narcísica. A unidade em questão é então definida por oposição ao funcionamento anárquico e fragmentado da sexualidade no auto-erotismo.

Diferentemente de Jones, J. Laplanche considera que os anos 1914

- e 1915, que representam uma primeira virada no pensamento de Freud, já preparavam a virada de 1920. Três noções freudianas ligadas entre si, igualmente importantes, apareceram nessa época: o narcisismo (o ego como objeto de amor), a identificação (mecanismo constitutivo do ego) e a diferenciação no seio do ego de componentes ideais. Se a noção de narcisismo modificou em certa medida a definição do ego, notamos que dois processos típicos da melancolia, a saber, a introjeção e a ambivalência, vão, por sua vez, também modificar essa definição. Mas será em 1923, com o nascimento da segunda tópica, que o ego aparecerá como instância do aparelho psíquico, ao lado do superego e do id. Com isto, o ego se veria dividido entre os três sistemas (consciente/pré-consciente/inconsciente), encarregado de uma variedade de funções e destinado ao difícil papel de mediador entre a realidade, o id e o superego.

Nos anos 20, outras contribuições teóricas de Freud foram adicionadas às duas modificações maiores que haviam sido a segunda teoria das pulsões e a segunda tópica, a saber, a questão do masoquismo, do fetichismo, as transformações na teoria da angústia, as distinções metapsicológicas entre neurose e psicose, etc. Ora, para se levar em conta a operacionalidade clínica da metapsicologia, como quis Fédida transmitir aos seus alunos e como insistiu em seus escritos, não se pode deixar de considerar que as novas hipóteses teóricas de Freud não deixam de acarretar mudanças cada vez mais importantes na clínica analítica e, mais precisamente, na *escuta analítica*. Ao se apropriar do instrumento da transferência, na importância atribuída à resistência, à emergência da reação terapêutica negativa e, sobretudo posteriormente, nas considerações desenvolvidas em seu texto *Construções em análise*, nota-se com nitidez a virada que

Freud opera no que se refere à idéia de interpretação analítica.

Nesse último texto, ele retoma a metáfora arqueológica para melhor destacar a especificidade do trabalho do analista. Exatamente como o arqueólogo, o analista tira suas conclusões a partir de sobras de lembranças, completando e reunindo os restos conservados e descobertos na palavra do paciente. Mas, diferentemente da arqueologia, para a qual a reconstrução do objeto arqueológico é a finalidade e o objetivo de seu esforço, a construção é apenas um trabalho preliminar para o psicanalista.

Ao contrário do objeto arqueológico, que se destrói parcialmente, o psíquico, insiste Freud, permanece inteiramente conservado. Mesmo se ele parece esquecido e inacessível ao indivíduo, subsiste em algum lugar, de uma maneira ou de outra. A partir daquilo que a transferência traz à luz, o analista segue os vestígios das repetições das reações do paciente para remontarem juntos aos primeiros tempos da infância.

Para Freud, a construção é um trabalho preliminar, pois, ao ser comunicada ao paciente, pode fazer surgir um novo material sob a forma de associações livres, ou através da produção de outras lembranças. Esses novos elementos permitem que o analista recomece a reconstruir<sup>21</sup>. Sendo assim, a construção permanece sempre fragmentada, inacabada. Freud insiste no fato de que, na situação analítica, o analista pode apenas construir. O paciente, por sua vez, pode continuar a se lembrar e a criar, a partir da construção, uma história que reclama por ser colocada em palavras.

Inspirando-me aqui no modelo do sonho, posso dizer que a escuta analítica das associações do paciente é aquilo a partir do que o analista *constrói* uma espécie de *figurabilidade* da cena psíquica inconsciente<sup>22</sup>. Fédida costumava insistir em suas aulas que é Freud

quem nos convida a saber escutar os pacientes como escutam os sonhos. Isto quer dizer que devemos prestar atenção a todos os detalhes que se apresentam, assim como prestaríamos atenção a todos os detalhes de um sonho, a um tal ponto que o contato com certas situações clínicas nos ensina que muitas vezes é preciso reconstituir o sonho.

Uma das características mais importantes do sonho, segundo Freud, seria a de indicar a “transformação do pensamento em imagens visuais e em discurso”<sup>23</sup>. Deve-se notar também que, às vezes, a colocação de um conteúdo qualquer sob a forma figural não chega a se transformar em uma colocação em palavras; o analista não chega a traduzir em palavras, sob a forma de uma interpretação/construção, tudo o que aparece como imagem para ele. E não é raro que seja precisamente essa impossibilidade, que se traduz às vezes em

uma espera silenciosa e paciente, o que permite a escuta analítica. Uma tal espera demanda muitas vezes do analista a paciência necessária para não atropelar um processo que deveria permitir que a *construção* surja através das palavras pronunciadas pelo próprio paciente. Palavras que vão permitir, na verdade, construir e recontar *velhas* histórias que, na novidade da repetição instaurada pela transferência, permitem a criação de *outras* histórias.

### **A transferência e seu funcionamento epistemológico**

Os textos freudianos colocam em jogo incessantemente a teoria e a clínica psicanalíticas, sem jamais operar uma separação entre elas. Trata-se de uma clínica que, ao mostrar seus impasses cotidianos, o obriga a procurar sem descanso novas soluções explicativas. Notemos, en-

Fédida costumava insistir, em suas aulas, que é Freud quem nos convida a escutar os pacientes como aos sonhos: devemos prestar atenção a todos os detalhes que se apresentam, assim como observaríamos todos os detalhes de um sonho.

tretanto, que a palavra *clínica*, em Freud, só pode ser compreendida em sua conotação *cotidiana*. Em outras palavras, quando assinalamos que as conclusões às quais ele chegou ao longo da criação de suas proposições teóricas foram tiradas da clínica, não se trata simplesmente do contato de Freud com seus pacientes, mas também da atenção atribuída às suas relações como um todo e particularmente com seus amigos e colaboradores, assim como à sua auto-análise. A variedade e riqueza de suas fontes faz dela uma espécie de *clínica da psicopatologia da vida cotidiana*, uma clínica que se estabelece entre si mesmo e os outros. É a partir dessa clínica que novas construções teóricas podem ser incessantemente elaboradas.

Em relação a esse tema, P. Fédida e P. Lacoste assinalam “que a teoria psicanalítica nasceu da patologia e que – *como nenhuma outra teoria* – ela se enriqueceu e se propagou a partir de progressivas e sucessivas conclusões tiradas pelos teóricos de suas próprias patologias, analisando-se uns aos outros – o que permanece no princípio da formação dos psicanalistas (...). Apenas essa consideração – que a clínica psicanalítica está no centro da transmissão da psicanálise – convida, ao menos, a não desprezarmos inteiramente os elementos da análise, a interpretação das relações entre teoria e transferência”<sup>24</sup>. Sabemos que a vida intelectual de Freud é demarcada por trocas transferenciais (Jung, Fliess, Ferenczi e outros), a ponto de ele ter tentado analisar as funções da sublimação na atividade teorizante, podendo estas transitarem entre a homossexualidade e a paranóia.

Nesse sentido, P. Fédida e P. Lacoste adicionam: “Tais trocas devem ser relacionadas ao programa de transposição da metapsicologia, pois elas testemunham claramente o fato de a teoria freudiana basear-se em uma psicopatologia das transferências sobre a teorização. Da

mesma forma, elas nos permitem constatar que Ferenczi talvez tenha sido o único psicanalista do primeiro círculo a ter aceitado, para os destinos da psicanálise, uma posição metapsicológica no indicativo, e não no imperativo”<sup>25</sup>. Essas colocações, ao enfatizarem que a especificidade da clínica psicanalítica encontra-se no centro da transmissão da psicanálise, apontam para a necessidade de garantir ao trabalho de teorização a possibilidade de incluir as conseqüências do seu próprio instrumento metodológico. A insistência de Freud no caráter inacabado de seus escritos pode ser compreendida aqui como *uma posição metapsicológica no indicativo*, única guardiã da liberdade criadora do analista na necessidade de considerar, a cada vez, a emergência do *novo*.

A amplitude das repercussões dessa atitude freudiana pode ser medida pelo fato de que a própria palavra *teoria* passa a ter na psicanálise

um sentido bem diferente daquele que tem na filosofia, na biologia ou até mesmo, na psicologia, quando se trata de teorizar o *aparelho psíquico*. O raciocínio por inferências e a importância da transferência se encontram diretamente ligados. Assim, Fédida assinala: “Ora, é essa inerência viva da transferência à metapsicologia que concede a esta a função de ser metáfora em constante trabalho e tecnicamente articulante da vida psíquica na cura”<sup>26</sup>.

Sendo assim, vale salientar que a questão da transferência transformou consideravelmente a posição do observador. É a transferência, observa Fédida, de alguma forma, “o obstáculo epistemológico do qual resulta a descoberta da psicanálise”<sup>27</sup>. Com isso se pode compreender melhor a dificuldade de uma escrita objetivante em psicanálise. A partir do momento em que a posição do observador se vê transformada pelo risco transferencial, uma

Fédida e Pierre Lacoste assinalam que a teoria psicanalítica nasceu da patologia; *como nenhuma outra teoria*, ela se enriqueceu e se propagou a partir de progressivas e sucessivas conclusões realizadas pelos teóricos de suas próprias patologias.

escrita que pretende ser meramente um relato do que é observado no paciente torna-se, por isso mesmo, duvidosa, senão impossível.

O trabalho de observação sutil que uma análise nos permite fazer não pode consistir unicamente na observação do funcionamento psíquico do paciente, mas também no funcionamento psíquico da dupla formada por analista e paciente, que, afetando-se mutuamente, constrói teorias sobre o funcionamento psíquico mais ou menos generalizáveis, mas dificilmente verificáveis. Pois, vale salientar que não existiria escura possível em psicanálise, como diz Fédida, “se a atenção flutuante – na qual é próprio *nada esperar* – não indicasse o lugar da ausência como espaço da transferência e tempo da repetição”<sup>28</sup>.

Sem perder de vista o caráter especulativo de suas formulações e os perigos de toda fixação teórica, Freud utilizará plenamente sua capacidade de pensar, de inventar, afirmando-se cada vez mais como o inventor do *aparelho psíquico*. Assim, em 1938, em seu *Esboço de Psicanálise*, ele salienta: “Toda a ciência baseia-se em observações e experiências que nos transmite nosso aparelho psíquico, mas, como é justamente esse aparelho que nós estudamos, a analogia acaba aqui”<sup>29</sup>. Nesse sentido, J.-B. Pontalis resume assim a operação freudiana: “Era necessário, portanto, ao mesmo tempo, criar a ‘ficção’ de um aparelho psíquico, inventar uma situação terapêutica onde esse aparelho funcionasse como se tivesse sido colocado entre parênteses, e forjar um aparelho conceitual que tivesse suficientemente *jogo* na sua organização interna, e que fosse suficientemente preciso em seus instrumentos para captar a complexidade desse funcionamento”<sup>30</sup>. Operação complexa, era preciso criar uma *ficção* que tivesse ao mesmo tempo *jogo* e *precisão*.

Ora, esse *aparelho psíquico* será definido por Freud em termos de pontos de vista: tópico, dinâmi-

A noção de  
*aparelho*  
*psíquico*,  
metáfora  
biológica por  
excelência,  
evoca a  
analogia com as  
noções de  
*aparelho*  
digestivo e  
*aparelho*  
respiratório.

co e econômico. A palavra *psíquico* serve aqui para designar a natureza desse aparelho. Mas a palavra *aparelho* pode ser compreendida na linguagem de Freud como uma metáfora, assim como outras que ele tirou da biologia. Ora, a linguagem biologizante de Freud, tão criticada por alguns, pode, então, ser reencontrada no interior da construção de sua obra e pensada enquanto recurso discursivo, metáfora aberta à imaginação metapsicológica, figura de linguagem que consiste na transferência de uma palavra para um âmbito semântico que não é o do objeto que ela designa. Neste sentido, a noção de *aparelho psíquico*, metáfora biológica por excelência, evoca a analogia, por exemplo, com as noções de aparelho digestivo, aparelho respiratório, não apenas pela transferência da palavra *aparelho* para o interior do âmbito semântico psicanalítico, mas precisamente pelo que Freud toma emprestado da

biologia, a saber, *a noção de um sistema em funcionamento*.

No artigo *O inconsciente*, ele escreveu: “Nossa tópica psíquica não tem, provisoriamente, nada a ver com a anatomia; ela tem relações com regiões do aparelho anímico, mesmo que estas possam estar situadas no corpo, e não em localidades anatômicas. Deste ponto de vista, nosso trabalho, portanto, está livre e pode se permitir avançar *segundo suas próprias necessidades*. Será igualmente útil lembrarmos de que *nossas hipóteses não podem pretender, num primeiro momento, ter outro valor senão o de ilustrações*”<sup>31</sup>. Devemos notar que a preocupação de Freud em fazer avançar a psicanálise “segundo suas necessidades próprias” era, de início, a preocupação de distanciá-la da anatomia e de fundá-la enquanto *psicologia das profundezas*.

Vejamos como ele continua: “Até o presente momento a psicanálise se diferenciava da psicologia, principalmente pela concepção dinâmica dos processos anímicos; a isso se adiciona agora que ela pretende dar conta igualmente da tópica psíquica e indicar, para qualquer ato anímico, dentro de qual sistema, ou entre quais sistemas, ele se dá. É exatamente devido a essa tendência que ela recebeu o nome de psicologia das profundezas”<sup>32</sup>. Vê-se aqui a insistência de Freud em separar claramente o território da metapsicologia, sua *psicologia das profundezas*, não apenas do território da anatomia, mas também do território da psicologia acadêmica de sua época. É o ponto de vista dinâmico que ele evoca em primeiro lugar – “*concepção dinâmica dos processos anímicos*”, e, em seguida, evoca o ponto de vista tópico – “*ela pretende dar conta igualmente da tópica psíquica e indicar, para qualquer ato anímico, dentro de qual sistema, ou entre quais sistemas, ele se dá*”. Essas formulações mostram que as preocupações epistemológicas se fazem

sentir cada vez mais claramente em Freud, sobretudo a partir de seus escritos metapsicológicos.

Em 1920, no texto *Além do princípio do prazer*, em que ele havia introduzido a pulsão de morte enquanto pulsão sem representação, encontra-se também intacta a descrição do sistema percepção-consciência formulado no capítulo VII de *A interpretação dos sonhos*. E ainda uma colocação importante no que diz respeito à definição da *psicologia das profundezas*: “Pensamos que um modo de exposição no qual procuramos apreciar o fator econômico além dos fatores tóxico e dinâmico é o mais completo que poderíamos nos representar atualmente, e que ele merece ser colocado em evidência com o termo *metapsicológico*”<sup>33</sup>.

Sendo assim, a metapsicologia, em Freud, não se satisfaz apenas com uma definição, visto que ele insiste nos três eixos de definição, a saber, os pontos de vista: tóxico, dinâmico e econômico. Vale ressaltar que o ponto de vista econômico readquire cada vez mais importância a partir de 1920, colocando em evidência a questão da intensidade e do excesso para o aparelho psíquico. Esses pontos de vista não são conceitos, mas, antes, instrumentos de conceitualização dos mecanismos ou funções, e, se assim podemos dizer, uma maneira de olhar e refletir sobre o funcionamento desse *aparelho psíquico*.

Vejam, então, a definição dada por P. Fédida e P. Lacoste do que seria um ponto de vista – “É o dispositivo de iluminação da mancha cega”<sup>34</sup>; em outras palavras, um dispositivo que permite manter a função especulativa do funcionamento de um aparelho psíquico, levando em conta, ao mesmo tempo, o caráter de velamento do sintoma e a função psicopatológica da transferência.

Espero ter conseguido demonstrar que é evidente que a importância que Freud deu às necessidades

da clínica analítica não constituía um obstáculo a suas formulações em termos de hipóteses. O estatuto teórico destas deve-se ao fato de elas serem formuladas em termos de proposições, e não de sínteses, derivando disso a importância atribuída à imaginação especulativa no projeto metapsicológico freudiano. Não é por acaso que, ao final do percurso, em *Análise terminável e interminável*, ele evoca a figura da feiticeira para qualificar sua metapsicologia e conceder-lhe um poder especulativo; e conclui: “Sem especular nem teorizar – por pouco eu até diria fantasiar – metapsicológicamente, não se avança um único passo”<sup>35</sup>.

Sendo assim, longe de permanecer identificada a um arcabouço teórico fixo, a escuta do analista reinstaura, a cada vez, este pensar metapsicológico, que, tal como a feiticeira, nos permite *fantasiar metapsicológicamente* para poder pensar clinicamente. Pois, como disse Fédida: “A metáfora é uma morada, e o psicanalista tem necessidade do poema para habitar”<sup>36</sup>.

## NOTAS

1. Ver a esse respeito o artigo do psicanalista americano A. Modell, “Does metapsychology still exist?”, *International Journal of Psychoanalysis*, 62:391-402, 1981.
2. A respeito das críticas dirigidas à metapsicologia remeto o leitor ao conjunto de artigos publicados em dois números da *Revue Française de Psychanalyse*, 1985 (nos. 5 e 6).
3. Sobre essa questão, remeto o leitor aos seguintes artigos: “Recension du corps” de G. Rosolato (*Nouvelle Revue de Psychanalyse*, 3:5-28, 1971); “Sur la formation des concepts freudiens de psychique/physiologique”, de P. Bruno (*Nouvelle Revue de Psychanalyse*, 3:127-134, 1971); “Quelques éléments de recherche sur la place du biologique dans la théorie psychanalytique”, de F. Gantheret (*Psychanalyse à l'Université*, 1(1):97-104, 1975) e “Pour une métapsychologie analytique. Fécondité de l'hétérogène”, de P. Fédida (In Billiard, I. (org) *Somatization, psychanalyse et sciences du vivant*, 1994).
4. S. Freud, “L'intérêt de la psychanalyse” (1913), in *Résultats, idées, problèmes I*, Paris, P.U.F., 1995, p. 204.
5. S. Freud e K. Abraham, *Correspondance 1907-1926*, Paris, Gallimard, 1969, p. 209-210.
6. Cf. S. Freud, “Le refoulement” (1915), in *Oeuvres Complètes*, vol. XIII, Paris, P.U.F., 1988, p. 197-199; e S. Freud, “Le moi et le ça (1923)”, in *Oeuvres Complètes*, vol. XVI, Paris, P.U.F., 1991, p. 258-260.
7. L. Andréas-Salomé, *Correspondance avec Sigmund Freud*, Paris, Gallimard, 1970, p. 38.
8. A esse respeito ver a introdução dos tradutores de *Métapsychologie*, Paris, Gallimard, 1968, p. 7-8, e a de *Oeuvres Complètes*, op. cit., vol. XIII, p.159-160.
9. Introdução dos tradutores de *Oeuvres Complètes*, op. cit., vol. XIII.
10. S. Freud, “Complément métapsychologique à la doctrine du rêve” (1917), in *Oeuvres Complètes*, op. cit., vol. XIII, p. 245.
11. L. Andréas-Salomé, *Correspondance avec Sigmund Freud*, op. cit., p.46-47.
12. S. Freud, “Psychanalyse et théorie de la libido” (1923), in *Oeuvres Complètes*, vol. XVI, Paris, P.U.F., p. 203-204.
13. L. Andréas-Salomé, *Correspondance avec Sigmund Freud*, op. cit., p. 59-60.
14. S. Freud e K. Abraham, *Correspondance 1907-1926*, op. cit., p. 265.
15. Segundo os tradutores de *Oeuvres Complètes*, esses cinco ensaios já haviam sido reunidos em 1918.
16. Cf. E. Jones, *La vie et l'oeuvre de Sigmund Freud* (vol. II), Paris, P.U.F., 1967, p.197-199; e ainda J. Strachey, *Standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud*, vol. XIV, p. 105-107, citado por J. Laplanche e J-B. Pontalis in *Métapsychologie*, op. cit., p.8.
17. S. Freud, “Le problème économique du masochisme” (1924), in *Oeuvres Complètes*, vol. XVII, Paris, P.U.F., 1992, p. 12.
18. S. Freud, op. cit., p. 12.
19. S. Freud, op. cit., p. 12-13.
20. S. Freud, op. cit. p. 13.
21. Cf. S. Freud, “Constructions dans l'analyse (1937)” in *Résultats, idées, problèmes II (1921-1938)*, Paris, P.U.F., 1995, p. 271-273.
22. Sobre a figurabilidade no modo de produção da teoria psicanalítica e na escuta do analista remeto o leitor ao livro *A figura na clínica psicanalítica*, de Eliana Borges Pereira Leite, São Paulo, Casa do Psicólogo, 2001.
23. S. Freud, *L'interprétation des rêves* (1900), Paris, P.U.F., 1993, p. 454.
24. P. Fédida e P. Lacoste, “Psychopathologie / métapsychologie: la fonction des points de vue”, *Revue Internationale de Psychopathologie*, 8:589-627, 1992, p. 600.
25. P. Fédida e P. Lacoste, op. cit., p. 617.
26. P. Fédida, “Topiques de la théorie”, in *L'absence*, Paris, Gallimard, 1978, p. 319.
27. P. Fédida, “Spécificité de la preuve dans l'approche clinique”, *Psychologie Française*, 24(1):51-66: 1979, p. 52.
28. P. Fédida, *Corps du vide et espace de séance*, Paris, Jean-Pierre Delarge, 1977, p.123.
29. S. Freud, *Abbrégé de psychanalyse (1938)*, Paris, P.U.F., 1992, p. 21.
30. J.-B. Pontalis, “Bornes ou confins?”, *Nouvelle Revue de Psychanalyse*, 10:5-16, 1974, p. 7.
31. S. Freud, “L'inconscient” (1915), in *Oeuvres Complètes*, op. cit., vol. XIII, p. 214. (os itálicos são meus)
32. S. Freud, op. cit., p. 213.
33. S. Freud, “Au-delà du principe de plaisir” (1920), in *Essais de psychanalyse*, Paris, Payot, 1981, p. 43.
34. P. Fédida e P. Lacoste, “Psychopathologie / métapsychologie: la fonction des points de vue”, op. cit., p. 605.
35. S. Freud, “L'analyse avec fin et l'analyse sans fin” (1937), in *Résultats, idées, problèmes II (1921-1938)*, Paris, P.U.F., 1995, p. 240.
36. P. Fédida, *Corps du vide et espace de séance*, op. cit., p. 131.